



VII Simpósio Nacional de História Cultural

HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO, LEITURAS E RECEPÇÕES

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

DANTE ALIGHIERI: A REPRESENTAÇÃO DE MULHER NA OBRA A DIVINA COMÉDIA

Tarine Castro de Oliveira*
Paulo Fernando de Souza Campos**

Dante Alighieri nasceu em Florença, Itália, no ano de 1265. É considerado um dos maiores poetas da história. Um homem de profundos amores, sempre com sentimentos extremos (FRANCO JUNIOR, 1986), conhece aos nove anos de idade, Beatriz Portinari, futura inspiradora de suas obras, sendo a mais significativa, *A divina comédia*. Porém, por pertencer a uma família de classe inferior à dela, e pelas tradições culturais de sua época, na qual os casamentos eram arranjados como acordo entre as famílias, Dante é proibido de se aproximar de Beatriz, tornando-a assim, inspiração para seus poemas, e mesmo depois da morte precoce de sua musa, o sentimento direcionado a ela não se apagou.

O casamento não apagou a imagem de Beatriz, que, pelo contrário, se tornava cada vez mais forte nele. Como nos conta o próprio Dante, ele aos 18 anos a vira pela segunda vez, vestida de “cor branquíssima” e deixando-o desnorreado com um simples cumprimento. O casamento de Beatriz com uma importante figura de Florença, dois anos depois, e

* Licenciada em História pela Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Políticas e Identidades Ibero-Americanas POLIBERA/UNISA/CNPq. e-mail: tarine_castro@hotmail.com

** Doutor em História – UNESP – Assis, com pesquisa de Pós-Doutorado pela EE/USP/FAPESP. Professor Pesquisador do Grupo de Pesquisa Políticas e Identidades Ibero-Americanas POLIBERA/UNISA/CNPq. e-mail: pfsouzacampos@hotmail.com

sobretudo sua morte, em 1290, reforçaram seu significado para o Poeta. (FRANCO JUNIOR, 1986, p.15)

Ao atingir a maioridade, Dante se casa com Gemma Donati, e em seguida, se insere na política de Florença e nas lutas ocorridas da época que dividiam a cidade e que lutavam contra o Papa Bonifácio VIII. Condenado ao exílio, a pagamento de multa e ao afastamento de assuntos políticos, por não comparecer a sentença, é condenado à morte, o que levou o poeta a não voltar mais a Florença.

É durante o exílio que escreve sua mais importante e conhecida obra, intitulada por ele como *Comédia*, e só mais tarde vinda a ser popularmente reconhecida como *A Divina Comédia* (FRANCO JUNIOR, 1986). O poeta escreve sua obra com fervor, dedicando-a sempre a sua amada Beatriz Portinari. Escrita em um contexto medieval, com ideologia de sua época, Dante procura sempre transmitir através de sua obra, seus julgamentos de valores e suas opiniões sobre o mundo, a sociedade, a Igreja e seus governantes, abusando do uso de simbolismo em sua escrita, nem sempre de fácil entendimento.

Contudo, trata-se de uma obra de difícil interpretação, pois, como o próprio Poeta alertou, ela tem um sentido literal e outro alegórico. Assim, ela permite diferentes leituras, do que na verdade decorre sua grandeza, pois cada um pode encontrar ali o que quer, ou melhor, reconhecer ali o que é: a *Commedia* sempre funcionou como um espelho da condição humana, individual e coletivo, por isso foi exaltado por pessoas e épocas tão diversas. Ela é a autobiografia espiritual do Poeta e uma biografia atemporal do ser humano. De um lado é profundamente medieval, de outro essencialmente eterna. (FRANCO JUNIOR, 1986, p. 36).

Dante “cita 38 literatos, filósofos e cientistas gregos e romanos, fazendo referências concretas sobre suas vidas ou suas ideias” (FRANCO JUNIOR, 1986, p. 31), sempre com a intenção de transmitir veracidade em sua narrativa.

O poeta escreve sua produção dividida em três partes e conta sua hipotética passagem pelo Inferno, Purgatório e Paraíso, guiado por Virgílio¹, poeta da antiguidade e alvo da admiração do autor. Na primeira etapa, “Debaixo de Jerusalém, é que Dante situou o Inferno, abismo circular, estreitando-se de cima para baixo até o centro da Terra” (DONATO, 2006:23), Dante se depara com os condenados, que ali foram chamados para

¹ Publius Vergilius Marco (70 a.C. – 19 a.C.) foi um poeta latino, conhecido por ter escrito Eneida, um dos clássicos da literatura ocidental.

prestarem suas devidas sentenças. Constituídos por nove círculos, o poeta observa as diferentes punições, para os diferentes ‘pecados’ causados em vida, até chegar ao ponto central, onde se encontra o rei infernal, Lúcifer.

A seguir, Dante sai do inferno e chega ao Purgatório, descrito por ele como “montanha apontando para o alto (há esperança) e formada por dois troncos de cones sobrepostos” (DONATO, 2006:24), também divididos em nove partes. As almas que cumpriam sua sentença e eram purificadas de seus ‘pecados originais’, alteravam seu posicionamento na elevação de níveis sobrepostos de patamares na encosta da montanha.

Neste momento da obra, o narrador-personagem depara-se no ‘antipurgatório’, cuja representação simbólica refere-se à localização pós-morte de indivíduos que, de acordo com a concepção do autor, ‘se arrependeram tardiamente de seus pecados’, os excomungados e os negligentes, até chegarem ao purgatório propriamente dito, separado conforme os sete pecados capitais; soberba, inveja, cólera, preguiça, avareza e pródigos, gula e luxúria. Ao final desta etapa, Dante se separa de seu guia, já que Virgílio pertence ao Inferno. Logo, não lhe é permitido prosseguir nesta jornada.

Na última parte de sua odisséia, Dante vai parar no Paraíso, agora guiado por Beatriz. Assim como as etapas anteriores, o céu também é dividido, mas em duas partes, material e espiritual, constituída pelos planetas, pelas estrelas e o céu cristalino. O poeta também se encontra com outros personagens famosos como São Thomas de Aquino, que o interroga sobre seus pensamentos e visão de mundo até ser liberado para seguir viagem. Após essa trajetória, Dante é liberado e volta para terra, onde passa viver com os ensinamentos adquiridos. A Divina Comédia pode ser vista como uma crítica do autor a sua época, à hipocrisia e a falta de temor, ao que Dante considera as prestações de contas finais. Há tristeza esperada por aqueles que são considerados pecadores, em comparação a paz e alegria encontrada no paraíso, e que lhes serão proibidas.

A Idade Média, época do poeta, é compreendida entre os anos 476 – 1453 tendo início em um cenário caracterizado pela queda do Império Romano, que recebeu a invasão dos povos germânicos e a fragmentação de um gigantesco império, que alterou as relações políticas entre as civilizações.

Um período no qual a Igreja Cristã, representada pela Igreja Católica Apostólica Romana, possuía um grande domínio na vida da comunidade e dos fieis, atentando-se em “traduzir” a sua visão sobre o certo e o errado, o bem e o mal, isso incluía sua visão sobre

a mulher, o sexo e a relação entre ambos. A mulher foi alvo de intensa misoginia² durante esse período. Considerada um ser inferior por natureza, por sua representação, sofreu represálias e discriminação durante esta época da história, cujos significados ainda permanecem no imaginário social na contemporaneidade.

Submissa e obediente era o que se esperava da mulher. Considerada propriedade do pai, e/ou marido, a principal função da mulher era servir e reproduzir. A Igreja preocupava-se essencialmente com o que a mulher possuía, a saber, o princípio, o nascimento, as regras, o conhecimento natural de seu gênero. Detentora e responsável pela conduta e obediência dos fiéis, a Igreja buscou na tradição bíblica sustentação para seu discurso de inferioridade feminina, e acaba por achá-lo na teoria do ‘Pecado Original’.

Vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu e deu também ao marido, e ele comeu. Abriam-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si. Quando ouviram a voz do SENHOR Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do SENHOR Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim (...) E a mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás á luz seus filhos; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará. (GÊNESE 3: 6;16).

Eva, devido a sua curiosidade e desobediência, caíra em tentação ao comer do fruto que fora proibido por Deus. Considerada a primeira pecadora da história, condena todas as mulheres a uma vida de eterna submissão ao homem. As palavras da escritura bíblica desqualificavam a mulher em seu caráter, pois corruptível, iniciando um processo de dominação masculina, de exclusão moral da mulher, o que justificava sua segregação em diferentes momentos, estabelecendo um lugar preciso para a mulher na história, o lugar da fragilidade, da subalternidade como expiação de seu pecado original.

Eva é um ser pecador, incapaz de resistir à tentação, pelo que é necessário submetê-la à tutela masculina. Ao ser a primeira mulher, Eva passa a projetar sua carga de pecadora sobre a existência feminina. E embora ela tenha sido criada a partir do homem – e por isto seja parte integral da essência humana – ela representa a parte vulnerável deste. Ela é a responsável pela perda do Paraíso. (NASCIMENTO, S/D. p.86).

Não apenas considerada pecadora, mas tentação, a mulher é alvo de inúmeras injúrias por parte dos homens, acusadas como responsáveis pelos pecados cometidos por

² Misoginia é o ódio, desprezo ou repulsa ao gênero feminino e às características a ele associadas.

eles mesmos como o pecado carnal, que estava associado à fragilidade do desejo masculino, uma vez que, a mulher não podia ser bonita, não podia ser inteligente e chamar a atenção para si, não poderia despertar o desejo, nem a luxúria, sentimentos esses proibidos pela Igreja, considerado influência do mal, que enfraquecia os homens, pois próprios do gênero feminino, “*e de que a luxúria do amor efeminava os homens*” (FONSECA, S/D:175).

Essa representação da mulher no medievo, como propagadora da perversidade no mundo, fez surgir uma busca da mulher ideal. Religiosos e outras autoridades masculinas buscavam uma defesa para condição considerada atribuída injustamente a mulher.

Na época dos Padres da Igreja, vários tipos de panegíricos³ femininos, de autoria masculina, já eram praticados. Tais panegíricos se relacionavam a três séries de perfeição, incentivadas como possíveis de serem alcançadas pelas mulheres, a saber, a fidelidade da vida de esposa, a viuvez casta e a virgindade. Esta última era considerada – nos catálogos de heroínas do Velho Testamento, aparecidos em São Jerônimo e em Santo Ambrósio – como a virtude de mais alta admiração. (FONSECA, S/D:181).

Assim como a palavra divina foi resposta para a irrelevância do feminino, esta também foi fonte para solução desse mal, encontrada na construção ideológica da Virgem Maria, que representava a mãe do filho de Deus, mulher pura, sem pecados ou maldades.

Maria acreditou na Anunciação do Anjo Gabriel, obedeceu e, principalmente, se fez escrava dos desígnios divinos. Ela seria a nova Eva, a anti-Eva: Ave. Concebendo sem pecado, tornou-se o protótipo idealizado do feminino: destaca-se pela pureza sexual e pela maternidade, caminho de remissão às “filhas de Eva”. Por intermédio dela a Igreja conseguia oferecer às mulheres uma espécie de saída da condição pecaminosa instaurada pela primeira mulher e mãe, Eva. Para isso, era necessário criar um novo modelo de mulher, ideal e idealizado: a mãe, esposa e virgem (...) Apesar de o papel de esposa em Maria ter sido desvalorizado em relação aos outros dois, todos eles foram muito importantes nos séculos XII e XIII, pois levaram à valorização do matrimônio. Se a mulher não conseguisse o ideal da virgindade e castidade, era preferível, então, que se casasse para ser esposa (servir ao homem) e, principalmente, ser mãe. (LEAL apud RAQUEL LIMA E IGOR TEIXEIRA, 2012:5).

Maria se torna o exemplo perfeito a ser seguido. Obediente, fiel, detentora de pureza, e submissa, era possuída das três virtudes e deveres que a mulher deveria conter,

³ Discurso em louvor de alguém. Na citação, discurso em favor da mulher.

e seguir. O primeiro dever a ser adotado pelas mulheres é a de devota e fiel esposa de Cristo (LEAL, 2012); aquelas que escolhessem o caminho religioso, teriam esse dever redobrado, pois deveriam cumprir com seus votos de castidade por toda vida, sem a constituição de uma família. Em seguida, o segundo atributo a ser adquirido deveria ser o de esposa, obediente e fiel ao marido. E por fim, a virtude de mãe, dedicada à família, ao cuidado e zelo da casa e serva dos filhos.

O sexo como pontuado anteriormente, era classificado pelas autoridades religiosas como pecado, sendo passível de condenação não apenas na vida terrena, por fornicação, mas também na vida espiritual; era proibido fora do casamento, e apenas aceito para reprodução. Maria, casta tanto no corpo quanto na alma, seguidora e temível à palavra divina, obediente e fiel se mantém virgem, e justamente por ser possuidora dessa virtude, considerada a mais valorosa e respeitável, era exemplo e idealizada como a resposta perfeita da Igreja para absolvição das mulheres, a antítese de todos os expurgos atribuídos ao feminino.

Observa-se na obra estudada, que a visão atribuída às mulheres por Dante é semelhante à visão de inferioridade e propagadora da perversão descrita anteriormente, pois as personagens encontradas pelo autor na obra, durante sua viagem ao mundo espiritual, nos permite refletir sobre o conceito de feminino, que não difere do mencionado anteriormente.

Dante inicia sua viagem pelo Inferno, onde nos descreve seu encontro com diversas almas condenadas, mais especificamente os condenados ao círculo dos sensuais, os que sucumbiram ao desejo da carne, indo contra os ideais religiosos e os mandamentos de Deus, “*A esse tormento atroz descem, condenados, os pecadores da carne, os que antepuseram a paixão à razão*”, (ALIGHIERI, 2006:38). As mulheres encontradas pelo poeta nesse grupo, em sua maioria, são personagens famosas e importantes da história e da literatura. Mulheres essas consideradas de certo modo, responsáveis por grandes infortúnios, guerras e mortes, como Helena de Troia, Cleópatra do Egito, e Pasífae de Creta.

Vem depois a que por amor deu-se à morte, traidora e infiel às cinzas de Siqueu; **segue-se-lhe Cleópatra, a luxuriosa. E eis Helena, causa corpórea de prolongado mal** e o grande Aquiles, que por amor lutou o combate derradeiro. Vê, ali estão Páris, Tristão (...) e mil outras sombras apontou-me o Guia. (ALIGHIERI, 2006:39, **grifo nosso**).

Percebe-se que o discurso adotado pela Igreja Medieval sobre o feminino como disseminadora do mal, e a causa de toda desgraça que ocorre ao homem, cai perfeitamente sobre as mulheres descritas por Dante. Todas elas foram responsabilizadas por trágicos fins à suas vidas, ou para a vida de seus companheiros, por isso, consideradas traidoras, pecadoras e aproveitadoras da sedução.

Cleópatra utilizava-se da sensualidade que possuía, e através da luxúria buscava alcançar seus objetivos; Helena por se apaixonar por outro, traindo assim seu marido, gera a destruição de uma cidade inteira. Mulheres, a causa de dois distintos males, apesar de envolverem um sentimento divino, o amor, gerou apenas destruição, “*Disse alguém, com muita exatidão, que em toda a história do mundo somente duas guerras foram feitas por amor: a de Tróia, pelo amor de Helena, a de Alexandria, pelo amor de Cleópatra*” (MACEDO, 1984:8).

Entretanto, ainda nos falta mencionar a última parte da viagem, que talvez seja a mais importante, sua passagem pelo Paraíso. Este sítio, como nos é descrito pelo próprio Dante, é um lugar cheio de luz e paz, onde reflete a exatidão da perfeição divina.

Ao Céu, que d’Ele recebe maior porção de luz, eu alcancei chegar e ali contemplei maravilhas que nem pode nem sabe repetir quem de lá veio. Pois se a tal feito se propõe, à medida que o intenta, nele empenhando a mente, percebe que a memória não alcança reevocar tanta perfeição. (ALIGHIERI, 2003:231).

Em sua parte final da jornada, o poeta é guiado, por quem ele considera um anjo, sua amada Beatriz. Dante percorre os diversos círculos do Paraíso, conhecendo e reencontrando algumas pessoas conhecidas em vida, mas sempre aprendendo com sua guia os caminhos corretos a serem seguidos, conforme as leis divinas, e que deverá ser adotado por ele ao voltar para casa.

Como já mencionado, Dante conhece Beatriz aos nove anos de idade, e se apaixona, transformando-a em sua inspiração. Contudo, sua amada morre muito cedo, deixando o poeta em uma eterna idealização sobre sua pessoa. Beatriz representava assim, tudo o que era belo e puro, considerada moça casta que segue as leis de Deus e do homem, é a guia perfeita para conduzir os passos de Dante durante sua passagem ao Paraíso, e merecedora de um lugar próximo ao da Virgem Maria e às outras mulheres consideradas por ele santas, no reino dos céus.

Essa alma que vês, tão bela, aos pés de Maria, é a mulher (Eva), que abriu e fez pungir a chaga do pecado original, por fim sanada pela Madona. Na terceira ordem de lugares, bem podes notar, abaixo delas, a resplendente Raquel tendo ao lado Beatriz. Seguem-nas Sara, Rebeca, Judite e a que foi (Rute) bisavó do Cantor que, as vou nomeando (...). Da sétima ordem para baixo, como até ali, sucedem-se mulheres hebreias, dividindo a extensão da Flor com uma linha que do alto chega à base. (ALIGHIERI, 2003:325).

Dante compartilha da visão eclesiástica, e nos permite analisar, num primeiro momento, em sua obra, a visão antifeminista de sua época: a da mulher pecadora por natureza, que desvirtua o homem com sedução e libido, como Helena e Cleópatra, e posteriormente a análise da representação do feminino nos mostra a antítese dessas mulheres, qual seja, Maria, o exemplo a ser seguida, representação encontrada em Beatriz, musa do poeta, que segue os ideais de castidade e esposa, não sendo possível seguir a de mãe, apenas por ter perdido a vida ainda cedo.

As mulheres têm sofrido ao longo do tempo, inúmeras críticas e discriminações, mas sua vontade de se destacar e encontrar espaço no meio acadêmico e na sociedade vem crescendo consideravelmente. Essa visão, essa permanência da representação imposta sobre a mulher, se reflete na contemporaneidade. O discurso de que o feminino deve ser submissa ao homem, serva de seus desejos e vontades, ainda nos é conhecido. Ainda hoje o combate contra essa ideia é veemente. As mulheres buscam ao longo de sua história um lugar na sociedade exclusivamente masculina, de igualdade, ou ao menos de reconhecimento de seus valores (BRAUDEL, 1990).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou de forma diferenciada, sob um olhar cultural, através da obra *A Divina Comédia*, um estudo sobre o gênero feminino no medievo. Entretanto, não há como se encerrar a discussão. O estudo procura-se sugerir uma forma alternativa para a abordagem e compreensão de tal tema, pois o trabalho de um historiador nunca é julgado por encerrado, pauta-se na verdade, pela busca incessante de novas teorias e formas de se fazer história.

Como visto, se tinha no imaginário da época diversas visões sobre a mulher medieval, a qual constantemente salienta sua inferioridade em relação ao homem, pois como observado, a sociedade da Idade Média possuía uma forte influência da Igreja, o

que não seria de se estranhar que também apresentasse uma crítica sobre o feminino, e que esta fosse a mais dominante. Dito isso, obteve-se êxito em responder aos questionamentos iniciais, (i) Como a mulher é retratada na obra? Dante Alighieri retrata em sua obra conceitos e julgamentos de sua época, nos permitindo observar que sua concepção sobre a mulher era semelhante ao pensamento eclesiástico.

A mulher era vista pelo poeta como inferior e propagadora do mal, pois esta possui na obra uma participação maior nos círculos do Inferno e do Purgatório, sendo destacadas como culpadas por seus parceiros terem merecido tal castigo. Dante nos mostra que para ele, a mulher também é considerada inferior ao homem e a causa de seus pecados, eventualmente por isto, elas apareçam com mais destaque ao mencionarem os nomes dos condenados às punições destes círculos.

A luxúria é pecado, pois vai contra os mandamentos de Deus, sendo um dos sete pecados capitais. Tendo o poeta a mesma opinião que a Igreja sobre o feminino, também nos permite perceber que compartilha da opinião sobre a luxúria.

A primeira dentre as almas que deseja conhecer **foi imperatriz, regeu nações. À luxúria entregou-se por inteiro, decretando lícito e bom o desregramento, a fim de sob a lei dar-se ao vício.** Semíramis, seu nome (...). Vem depois a que por amor deu-se à morte, traidora e infiel às cinzas de Siqueu. (ALIGHIERI, 2006:39, grifo nosso).

Por compartilhar da mesma concepção que a Igreja, é que Dante faz essa relação da mulher com a luxúria. O elemento histórico destacado sobre a mulher se utilizar da sedução e da libido para atraírem os homens a fim de satisfazer seus desejos, também nos é perceptível durante a análise da obra, quando o poeta cita Cleópatra e Helena, duas mulheres que por terem tal beleza e encanto, causaram tanto mal, “*O sexo feminino em geral e o seu inexorável poder de sedução exercido sobre os homens eram considerados não só biologicamente adversos como também de infalível destruição*” (FONSECA, S/D, p.171).

Quanto ao questionamento, (ii) Qual a diferença entre as mulheres apresentadas que mereceram o inferno, e Beatriz, personagem de destaque na obra em questão? O elemento histórico que nos permite relacionar a mulher à luxúria, é o mesmo que nos permite detectar o porquê de Beatriz Portinari merecer o Paraíso, enquanto as demais mulheres citadas na obra mereceram um fim diferente. A investigação da busca da Igreja sobre o modelo de mulher a ser seguido pelas demais, e esta sendo encontrada na Virgem

Maria por ser pura casta e obediente, percebe-se que para Dante, Beatriz possui todas as qualidades e virtudes que o feminino deveria possuir, por isso merecedora dos céus, diferente daquelas que deixaram levar-se pelas tentações da vida terrena.

Dante Alighieri lutou contra o poder eclesiástico, sendo punido severamente por isto. Contudo, o homem é fruto de seu tempo, e com o poeta não seria diferente. Por pertencer a uma época extremamente religiosa, alguns pensamentos atribuídos a Igreja eram compartilhados por ele, que não negava ser estritamente religioso e temeroso a Deus, possivelmente este seja o motivo que nos permite detectar em sua obra, traços marcantes sobre a mulher e a luxúria, que foram atribuídos ao poder clerical e que o autor concorda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. 13ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

ARIES, Philippe. **História da Vida Privada 2: Da Europa Feudal à Renascença**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política, Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura**. 6ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BATISTA NETO, Jônatas. **História da Baixa Idade Média (1066-1453)**. In_____. **O nascimento de uma Igreja monárquica (Séculos XI e XII)**. São Paulo: Básica Universitária, 1989. p.p. 45-61.

BRAUDEL, Fernand. **História e Ciências Sociais**. 6ed. Lisboa: Editora Presença, 1990. p. 7-37.

BURKE, Peter. **O que é História da Cultura?** In_____. **A Grande Tradição**. 2ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.p.7-29.

BURKE, Peter. **Problemas da História Cultural**. In_____. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p.p. 32-42.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In_____. **Estudos Avançados**. São Paulo: USP, 11(5), 1991.

FONSECA, Pedro Carlos Louzada. Fontes literárias da difamação e da defesa da mulher na Idade Média: Referências obrigatórias. Goiás: **Série Estudos Medievais 2**, S/D. p. p. 168-188.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: Vontade de Saber**. 10ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Dante Alighieri: O Poeta Absoluto**. São Paulo: Brasiliense S.A, 1986.

HEERS, Jacques. **História Medieval**. 6ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

JARDIM, Rejane Barreto. A Luxúria como Herança de Adão. Goiás: OPSIS – Revista do NIESC, 2006. p.p. 120-128.

KURY, Mario da Gama. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

LAKATOS, E.M., MARCONI, M. de A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEAL, Larissa do Socorro Martins. As Várias Faces da Mulher no Medievo. Mato Grosso do Sul: **Linguagem Educação e Memória**, 2012.

MACEDO, José Rivair. **A Mulher na Idade Média**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2002

MACEDO, Sérgio D.T. **Cleópatra: Rainha do Egito**. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A, 1984.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. **Ser Mulher na Idade Média**. Textos de História, 1997. Disponível em: < <http://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/5807>>.

ROSENFELD, Katharina Holzermayr. **A História e o Conceito na Literatura Medieval**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

ZORDAN, Paola Basso M. B. Gomes. Bruxas: figuras de poder. Rio Grande do Sul: **Estudos Feministas**, 2005. p.p. 331-341.



História Cultural